

AS TRAJETÓRIAS DOS TRABALHADORES CANAVIEIROS NA REGIÃO DO PONTAL DO PARANAPANEMA E O ESPECTRO DO DESEMPREGO¹

THE TRAJECTORIES OF THE SUGARCANE WORKERS IN THE PONTAL DO PARANAPANEMA REGION AND THE FEAR OF UNEMPLOYMENT

Maria Joseli Barreto

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Membro do Centro de Estudos de Geografia e Trabalho – CEGeT e do Coletivo Cetas de Pesquisadores
joselibarreto5@yahoo.com.br

Robinzon Piñeros Lizarazo

Professor Universidad Surcolombiana, Colômbia, Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Membro do Centro de Estudos de Geografia e Trabalho – CEGeT e do Grupo de Investigación en Prácticas Educativas y Sociales
robinzonp@gmail.com

Messias Alessandro Cardoso

Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Bolsista FAPESP de Doutorado. Membro do Centro de Estudos de Geografia e Trabalho – CEGeT e do Coletivo Cetas de Pesquisadores
messias_cardoso20@hotmail.com

Fredi dos Santos Bento

Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Membro do Centro de Estudos de Geografia e Trabalho – CEGeT e do Coletivo Cetas de Pesquisadores
fredi.sousuke@gmail.com

Angela dos Santos Machado

Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Membro do Centro de Estudos de Geografia e Trabalho – CEGeT e do Coletivo Cetas de Pesquisadores
angelasm.geo@gmail.com

Gabriel Vitor Nascimento Ferreira

Licenciado e bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Membro do Centro de Estudos de Geografia e Trabalho – CEGeT e do Coletivo Cetas de Pesquisadores
viti.gabi@hotmail.com

¹ O texto apresentado é resultado do desenvolvimento do projeto temático: Mapeamento e Análise do Território do Agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema - São Paulo-Brasil: Relações de trabalho, conflitos e formas de uso da terra e da água, e a saúde ambiental, o qual vem sendo desenvolvido desde o ano de 2013 na Região do Pontal do Paranapanema. Somado a resultados de pesquisas individuais, o projeto tem nos permitido ao longo dos últimos anos refletir sobre os sujeitos sociais enquanto objeto de pesquisa.

Resumo

Neste texto evidenciamos que o movimento territorial e a plasticidade do trabalho são acontecimentos indissociáveis que marcam as trajetórias (laboral, social e territorial) dos sujeitos que trabalham nos domínios do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema. Propomos interpretar as trajetórias através dos significados presentes nas entrevistas coletadas junto aos trabalhadores, analisadas como fontes orais que nos possibilitam “apreender a dialética do ir e vir”, diante das incessantes mudanças de lavras induzidas pelas múltiplas reestruturações do “agro”, as quais têm alterado, além de sua dinâmica produtiva, a vida dos trabalhadores e trabalhadoras. A centralidade de ouvir os sujeitos que trabalham, valorizando suas memórias, nos permitiu constatar que suas trajetórias são permeadas pelo espectro do desemprego. Dessa forma, o desemprego não é um momento passageiro na vida dos trabalhadores, este deixa marcas, já que os períodos de extrema dificuldade não atingem somente a vida do sujeito que trabalha, mas de toda sua família.

Palavras-chave: trajetórias, desemprego, agrohidronegócio canavieiro, plasticidade do trabalho.

Abstract

In this work, we show that the territorial movement and the flexibility of the labor are inseparable events that mark the trajectories (labor, social and territorial) of the people that work in the fields of sugarcane agribusiness in Pontal do Paranapanema. We propose to interpret the trajectories through the meanings present in interviews collected from the workers. In this perspective, these oral sources allow us to “grasp the dialectic of coming and going”, in the face of the incessant changes in mining induced by the multiple restructuring of “agribusiness”, which have altered, in addition to its productive dynamics, the lives of workers. The centrality of listening to workers, valuing their memories, allowed us to see that their trajectories are permeated by the fear of unemployment. Thus, unemployment is not a passing moment in the lives of workers; it leaves marks, since periods of extreme difficulty do not only affect the life of the worker, but the whole family.

Keywords: Trajectories, unemployment, sugarcane agribusiness, flexibility of the labor.

Introdução

Em um cenário marcado pela intensificação da mecanização nos processos de colheita e plantio da cana-de-açúcar, e conseqüentemente, ampliação do desemprego nas regiões canavieiras distribuídas por todo estado de São Paulo, buscamos a partir desse texto, apresentar reflexões sobre a trajetória social, laboral e territorial de

trabalhadores e trabalhadoras que atuam no agrohidronegócio canavieiro na Região do Pontal do Paranapanema. Isto é, procuramos evidenciar como o reordenamento territorial e a reestruturação produtiva do capital, nos domínios do agrohidronegócio canavieiro, têm afetado a vida de trabalhadores e trabalhadoras que vendem sua força de trabalho nos canaviais da região em estudo.

Nesse sentido, buscamos mostrar como o desemprego oriundo da mudança técnico ocupacional atrelado à mecanização da colheita e plantio da cana-de-açúcar reflete na trajetória dos trabalhadores rurais, sendo resultado de um processo incessante de exploração e degradação do trabalho, que impulsiona a mobilidade territorial destes na procura de emprego e de melhores condições de vida e trabalho em diferentes territórios.

Nesse caso, é a geração de empregos temporários com alto nível de rotatividade, atrelados a uma baixa remuneração e a condições de trabalho degradantes, historicamente produzidas pelo agrohidronegócio canavieiro (THOMAZ JUNIOR, 2009), que fundamentam a instabilidade laboral dos trabalhadores canavieiros. Apresentado nos relatos dos trabalhadores como um contínuo medo da demissão, o desemprego tem comparecido como uma das principais justificativas para o deslocamento desses trabalhadores, em busca de emprego em diferentes ocupações, fato expressivo do movimento territorial de classe que impacta nas trajetórias sociais e laborais desses homens e mulheres que trabalham.

Sobre o sentimento de insegurança no emprego, entre os trabalhadores e trabalhadoras que laboram nos domínios do agrohidronegócio canavieiro, é relevante sublinhar que não se trata de um fato isolado, mas o reflexo do sociometabolismo do capital expressivo na morfologia social do trabalho contemporânea, caracterizada pela degradação sistêmica expressa na precariedade, desemprego e adoecimento do trabalhador (THOMAZ JUNIOR, 2017).

Alves (2007) destaca que a desvalorização da força de trabalho enquanto mercadoria é uma estratégia do capital para acumular mais-valia. Para o autor, a vigência do desemprego em massa pode ser apreendida como uma lei férrea, que obriga trabalhadores a se movimentarem interna e externamente em busca de novas possibilidades de trabalho e emprego. Enquanto os trabalhadores que vivem a situação real de desemprego movimentam-se em busca de um novo emprego, aqueles que

vivenciam o vínculo formal de trabalho movimentam-se para manter o vínculo empregatício e/ou para buscar melhores condições de trabalho. Visto que diante do desemprego aberto e suas incrustações estruturais, a nova condição de precariedade tende a explicitar-se até mesmo entre categorias de trabalhadores assalariados que possuem certo grau de organização de classe (ALVES, 2007; POCHMANN, 2015). Ou seja, nos domínios do capital, o desemprego é estratégico, pois amplia seu poder de dominação entre os trabalhadores, sejam aqueles com vínculo formal de trabalho, ou aqueles que se encontram desempregados, mas que almejam sua inserção no mercado laboral. Por conseguinte, conclui-se que não é o crescimento natural da população que gera o desemprego, o que ocorre de fato é que o desemprego tem a sua raiz orquestrada pela estrutura do próprio metabolismo do capital, assim como o descarte de trabalhadores.

É nessa perspectiva que observamos o fenômeno social do desemprego nas trajetórias dos trabalhadores e trabalhadoras que laboram nos canaviais da região do Pontal do Paranapanema. Impulsionados pela necessidade do emprego, esses trabalhadores põem suas vidas em movimento, através dos processos migratórios, seja de um município, de um estado ou até de um país para outro, em busca de emprego e melhores condições de vida e trabalho. Esses deslocamentos comparecem como reflexo do movimento territorial de classe (THOMAZ JUNIOR, 2013), ou seja, como leitura do processo e do resultado das relações de classe no território, expressiva tanto no desterreamento e exploração do trabalho quanto nas lutas e resistências travadas pelos trabalhadores. Portanto, propomos interpretar as trajetórias através dos significados presentes nas entrevistas coletadas junto aos trabalhadores, analisadas como fontes orais que nos possibilitam “apreendera dialética entre singular, particular e universal, e o território das experiências pessoais de classe em suas formas de consciência social em processo” (ALVES, 2012, p. 26).

Como procedimento metodológico, buscamos inicialmente refletir coletivamente sobre referencial teórico vinculado à temática em questão, e também selecionar seis entrevistas do banco de dados do Coletivo Cetas de Pesquisadores, realizadas entre os anos de 2015 e 2017 junto aos trabalhadores e trabalhadoras que laboravam no recorte pesquisado. A partir da seleção das entrevistas, buscamos analisar e refletir sobre a trajetória individual de cada trabalhador entrevistado, para a partir de então, construir as

representações gráficas (linhas de tempo), que ilustram a trajetória social, laboral e territorial dos respectivos trabalhadores e trabalhadora.

Afinal, as trajetórias reconstruídas demonstram que, mesmo no quadro geral de desemprego no agrohidronegócio canavieiro, não há uma linearidade, há fluxos e refluxos. Como proposto por Moraes Silva (2010) as trajetórias atrelam às decisões individuais com as situações de aceitação, submissão e recusa expressivas da singularidade, mas vinculada à classe social atravessada pelo gênero, e ainda, a idade. Assim, a trajetória é forjada no contexto social ao qual o sujeito pertence, mas narrada segundo as experiências e ações destes diante a realidade social (SILVA, 2010).

A dinâmica produtiva do agrohidronegócio canavieiro no Brasil e na Região do Pontal do Paranapanema

O agrohidronegócio canavieiro tem historicamente se beneficiado de recursos estatais, o que viabilizou sua expansão e fortalecimento em todo território nacional. Embora tenha se destacado na economia nacional a partir do início do século XIX, no território paulista, sua grande expansão aconteceu apenas a partir da crise de 1929, com o declínio da produção cafeeira. A abertura de espaço para outras culturas permitiu a expansão progressiva da produção canavieira, que passou a se desenvolver de forma progressiva, sobretudo nas regiões de Ribeirão Preto e Araraquara, até então ocupadas pelos cafezais (RAMOS, 1999; SOARES, 2000, BARRETO, 2008).

No final da década de 1940 e início da década de 1950 o estado de São Paulo já liderava a produção nacional de açúcar e álcool, cujo aparato produtivo era concentrado nas regiões de Piracicaba, Ribeirão Preto e Araraquara. Contudo, foi a partir do Proálcool que se incluíram no circuito da produção canavieira regiões que até então não desenvolviam a monocultura da cana-de-açúcar. A partir do referido Programa, as regiões de Presidente Prudente, Assis e Araçatuba foram inseridas no circuito produtivo da monocultura da cana-de-açúcar (RAMOS, 1999; SOARES, 2000).

Ou seja, o processo de territorialização do agrohidronegócio canavieiro na região Pontal do Paranapanema é recente, se compararmos sua temporalidade com a produção e expansão do segmento em outras regiões do Brasil. E, assim, como nas demais regiões do país, o setor tem historicamente passado por sucessivas crises econômicas, seguidas

de múltiplas reestruturações, as quais têm alterado sua dinâmica produtiva e, conseqüentemente, a vida dos trabalhadores que vendem sua força de trabalho no segmento em questão.

Desde que a região recebeu seus primeiros canaviais e suas primeiras unidades agroprocessadoras de cana-de-açúcar, por meio dos recursos do Proálcool, no final da década de 1970, é possível observar que o discurso da geração de emprego e desenvolvimento local-regional é acompanhado por processos de reestruturação na esfera produtiva, oscilações econômicas e crises, cujos resultados são o fechamento de unidades processadoras, abandono de canaviais e demissão em massa de trabalhadores que vendem sua força de trabalho nos processos de produção e reprodução do setor.

No período do Proálcool, a região recebeu seis unidades agroprocessadoras de cana-de-açúcar², dentre as quais somente a Usina Alto Alegre, situada no município de Presidente Prudente e a Destilaria Alcídia, situada no município Teodoro Sampaio mantiveram-se operante na crise do programa, as demais foram todas desativadas, provocando na região a demissão em massa de milhares de trabalhadores e trabalhadoras que atuavam na produção canavieira. Pode-se dizer que este foi o primeiro momento em que os municípios da região enfrentaram as conseqüências do fechamento das unidades canavieiras, isto é, amargaram os efeitos sociais e econômicos da demissão em massa de trabalhadores e trabalhadoras que atuavam no segmento, sem receber os direitos sociais e trabalhistas que lhe eram devidos. (BARRETO, 2008).

Contudo, a partir de meados dos anos 2000, a concentração de unidades implantadas e falidas na região, somada à concentração de terras baratas (griladas e tomada por pastagens degradadas), o perfil topográfico favorável à mecanização e disponibilidade de recursos hídricos, voltaram a atrair novos investidores para a região em estudo. Assim, a partir do ano de 2005, impulsionado por mais um momento de reestruturação do agrohidronegócio canavieiro, em escala nacional, a região do Pontal do Paranapanema passa a ter novo destaque no circuito produtivo da cana-de-açúcar, já que, unidades até então desativadas foram reformadas e simultaneamente, novas

² A Destilaria Dalva, situada no município de Santo Anastácio, a Destilaria Decasa, implantada no município de Marabá Paulista, a Destilaria Laranja Doce situada em Regente Feijó, a Destilaria Bela Vista, implantada no município de Narandiba e a Usina Alto Alegre, a principio situada no município de Caiabu e posteriormente, transferida para o município de Presidente Prudente (BARRETO, 2012; 2018).

empresas foram construídas, ampliando a produção de cana-de-açúcar e, mais tarde, introduzindo a mecanização agrícola, sobretudo no processo de colheita da lavoura (BERNARDES, 2007; OLIVEIRA, 2009; THOMAZ JUNIOR, 2009; BARRETO 2012; 2018).

No ano de 2009, a região vivenciou o “ápice”, ao concentrar dezoito unidades agroprocessadoras, operantes. Contudo, por estratégia do capital, a partir do ano de 2010, as unidades começaram a ser novamente desativadas. Entre os anos de 2010 e 2016, oito unidades foram desativadas, dentre as quais seis delas foram construídas no período do Proálcool.

No caso das unidades construídas no período do Proálcool, todas passaram por crises, falências e, conseqüentemente, reformas e expansão de canaviais no início dos anos 2000, através de financiamentos disponibilizados pelo Governo Federal. Destaque para a Destilaria Decasa, que no ano de 2008 construiu a fábrica de açúcar, e a usina Alcídia, que antes de ser desativada, passou por reforma geral, quando foi incluso o processo de *retrofit* para produção de energia elétrica. Também é importante enfatizar que, dentre as dez unidades ativas na atual conjuntura, três estão associadas a grupos de capital internacional, entre elas: a Usina Rio Vermelho, localizada no município de Junqueirópolis, implantada no ano de 2007 e incorporada pela *trading* suíça Glencore (Glencane Bioenergia S/A), no ano de 2010³; a Destilaria Paranapanema II, construída no município de Sandovalina em 2008, pelo grupo norueguês Umoe Bioenergy e a Usina Conquista do Pontal, construída no município de Mirante do Paranapanema no ano de 2009, pelo Grupo Odebrecht Agroindustrial, ambas construídas via recursos estatais do BNDES (BARRETO, 2012).

Nesse processo constante de reorganização do capital agroindustrial canavieiro, os grandes grupos de capital estrangeiro (Odebrecht Agroindustrial, Umoe Bioenergy, Glencane Bioenergia S/A), somados a grandes grupos de capital nacional, tais como Cocal, Caeté e Alto Alegre, incorporaram os canaviais das unidades desativadas, o que evidencia o reordenamento de capitais e as disputas territoriais nos domínios do agrohidronegócio canavieiro.

³ Em 2016 o grupo Glencore (Glencane Bioenergia S/A) também incorporou a Uniálcool, unidade canavieira situada no município de Guararapes/SP.

Nesse cenário, é importante ressaltar que, embora os representantes do setor apontem as crises e falta de recursos liberados pelo Estado entre as principais justificativas para o encerramento das atividades de inúmeras unidades canavieiras no território nacional, na realidade, são as disputas entre capitais que compõem no cerne da questão, com o crescente processo de concentração de capitais, liderado, sobretudo, pelos grandes grupos de capital internacional, como é o caso das unidades ligadas ao grupo Odebrecht Agroindustrial⁴, cujas ações no anseio da expansão contribuíram para o fechamento de outras unidades nas regiões (VIAN, 2003; OLIVEIRA, 2009; BELLENTANI, 2015; BARRETO, 2018).⁵

Todavia isso não significa que a área cultivada com a cana-de-açúcar na região tenha diminuído. Ao contrário, aumentou. Assim sendo, entende-se que não se pode atribuir o fechamento de unidades agroprocessadoras somente à crise econômica, financeira das empresas etc. É necessário relacioná-lo também com o processo de reorganização territorial do capital e o processo de territorialização dos monopólios nas regiões canavieiras, já que as unidades são desativadas, mas os canaviais, isto é, a área ocupada com a matéria-prima, estão sendo incorporados por outras unidades processadoras, sobretudo os grandes grupos, tanto de capital nacional como internacional, o que evidencia a concentração de poder.

Frente ao cenário exposto, voltamo-nos para os impactos que estas mudanças trazem na dinâmica econômica, social e ambiental dos municípios canavieiros, sobretudo, no cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras que atuavam no processo produtivo, os quais, de modo geral, têm a vida e a trajetória laboral alterada em virtude das transformações na dinâmica produtiva do segmento em questão.

⁴ É importante observar que o referido grupo, no final do ano de 2017, mudou mais uma vez sua marca. A empresa do Grupo Odebrecht entrou no setor agroindustrial canavieiro como ETH Bioenergia, no ano de 2007, mudou de marca pela primeira vez, no ano de 2013, quando passou a denominar-se Odebrecht Agroindustrial, e, em dezembro de 2017, mudou novamente, passando a denominar-se ATVOS. Sob o discurso de renovação e construção de um "amanhã mais limpo", o grupo empresarial se desvinculou do restante do Grupo Odebrecht.

⁵ No caso da região do Pontal do Paranapanema Ampliado, o processo de expansão o grupo foi marcado pelo fechamento da Usina Alvorada do Oeste, situada no município de Santo Anastácio e da destilaria Decasa, implantada no município de Marabá Paulista, nos anos de 2012 e 2013, respectivamente.

Os fundamentos teóricos das trajetórias

Ao empreendermos o debate a respeito das trajetórias laborais e de vida dos trabalhadores e trabalhadoras entrevistados, é preciso que tenhamos ciência dos expostos por Bueno; Silva (2012) que enfatizam esse movimento de idas e vindas como a complementaridade entre os espaços rurais e urbanos. Nesse contexto, as autoras asseveram que, embora as trajetórias sejam marcadas pela transitoriedade, é preciso levar em consideração que as práticas envolvidas nas mais distintas jornadas desempenhadas pelos trabalhadores e trabalhadoras, são reincorporadas no agrohidronegócio canavieiro (BUENO; SILVA, 2012).

As autoras realizam uma leitura que permite a compreensão da trajetória laboral das mulheres trabalhadoras desde o trabalho familiar, e como este é reaproveitado para a realização do corte da cana-de-açúcar, permitindo, assim, a construção de uma narrativa que estabeleça contato com a memória das trabalhadoras entrevistadas. Nesse caso, o contato com a memória dos entrevistados comparece como um dos grandes desafios na construção/compreensão das trajetórias laborais e de vida dos trabalhadores e trabalhadoras canavieiros, tendo em vista a importância e a tentativa de exercitar a memória dos sujeitos no processo de construção de suas respectivas trajetórias.

Nessa perspectiva, Vargas-Evaristo (2012, p.164) enfatiza que “ao se ascender a memória e a experiência de vida, é possível perceber que cada indivíduo toma contato com o tipo de realidade no qual se encontra imerso, de forma que essas experiências ficam impressas em sua memória”. Assim sendo, apreende-se que é através das narrativas dos sujeitos e dos grupos sociais que podemos analisar e refletir sobre seu passado e sobre sua trajetória.

Por outro lado é preciso que consideremos também as assertivas de Pollak (1989, p.14) que ao enfatizar a memória, destaca o silêncio e o esquecimento. Para o autor, o não dito também deve fazer parte da análise das narrativas dos depoimentos dos sujeitos, tendo em consideração as “memórias subterrâneas” dos sujeitos, enquanto opostas ao que se pontua enquanto uma memória oficial. Segundo Pollak (1989), em uma narrativa também é possível captar no “não dito” e no “indizível”, sinais que nos permitam compreender o real estado das coisas que se interpõem para esses sujeitos, já

que, a memória individual é resultado da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e tensões.

Outro ponto apresentado pelo autor e importante para análise das trajetórias apresentadas a partir dos relatos orais colhidos, diz respeito à existência dos chamados “lugares de memória”, que estariam, de acordo com esse autor, ligados a um acontecimento, lembrança, que pode não estar atrelado a um tempo cronológico como enfatizado anteriormente, sendo tal leitura importante quando questionamos aos trabalhadores o que lhes vem em mente ao pensar em seus locais de origem ao reconstruírem sua história de vida.

Bourdieu (1996) ao tratar da história de vida, pressupõe que a vida é uma história, sendo também o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual. O autor alerta para o fato de que a narrativa dos acontecimentos, apresentados pelos trabalhadores e trabalhadoras, não se sucedem cronologicamente, ou seja, não obedecem a uma sequência ordenada de acontecimentos, ou melhor, uma leitura das trajetórias enquanto posições sucessivamente ocupadas por um sujeito em um espaço, noção essa que deixa a desejar, quando se pensa numa leitura territorial das trajetórias laborais e de vida dos trabalhadores e trabalhadoras analisados (BOURDIEU, 1996).

Nesse contexto, Dubar (1998) empreende uma discussão em respeito às trajetórias sociais objetivas e subjetivas, considerando que as primeiras resultam das posições sociais ocupadas por um indivíduo e as subjetivas dizem respeito às possibilidades alçadas através da entrevista biográfica, possibilitando a compreensão dos percursos biográficos. Segundo o autor, para compreender as trajetórias laborais em si, é preciso à análise de ambas, isto é, refletir sobre trajetória laboral e a trajetória de vida dos trabalhadores e trabalhadoras, as quais podem ser lida a partir das trajetórias laborais dos mesmos, já que a segunda é na realidade parte da primeira.

Roberti (2011) compreende as trajetórias laborais enquanto as sucessivas posições que as pessoas vão desempenhando em seu trabalho ao longo da vida, no que traduzimos para as diferentes lavras e/ou diferentes funções exercidas pelos trabalhadores. Nesse caso, a autora ainda considera que a trajetória laboral permite analisar a interação entre o aspecto objetivo e as concepções subjetivas do trabalho, fato que nos permite relacionar com as diferentes experiências laborais que os trabalhadores

e trabalhadoras do agrohídronegócio canavieiro vivenciaram e/ou vivenciam ao longo de sua vida, nos permitindo assim, compreender as suas diferentes estratégias, apesar de estarem subordinado aos artifícios gerados pelas mais distintas frações do capital, com ênfase para o agrohídronegócio canavieiro.

À vista disso, a autora em destaque ainda traz para o debate a ideia de curso de vida, sendo a trajetória uma das ferramentas metodológicas para sua análise. Além disso, a autora destaca o *timing point*, informando que os estudos relacionados às trajetórias têm suas raízes relacionadas ao Enfoque Biográfico, dado que as trajetórias centram suas atenções na interpretação dos fenômenos sociais ao longo do tempo, com ênfases para a multiplicidade de escalas sociais presentes nas biografias. Assim, as trajetórias de vida seriam parte de contextos histórico-sociais que condicionariam seu desenvolvimento e abarcaria uma série de questões desde o trabalho (trajetória laboral), escolaridade, vida reprodutiva, migração, mobilidade social, de modo que não nos prendamos apenas as distintas/diferentes posições ocupadas pelos sujeitos em sua história (ROBERTI, 2011).

Em respeito às trajetórias laborais, a mesma autora considera que essas têm papel preponderante para a experiência vivida, dado que através das experiências laborais se constitua uma forma de acesso a subjetividade, valores, estratégias, pontos de vista e processos sociais que marcam uma vida individual, se referindo assim a interação entre indivíduos e sociedade, que permite a relação entre tempo biográfico e tempo histórico-social (ROBERTI, 2011).

Por fim, Eugenia de La O (2001) ao referenciar as trajetórias laborais assevera que as mesmas não podem ser compreendidas sem considerar o contexto econômico local, já que a dinâmica dos mercados de trabalho e as condições laborais e institucionais são na realidade, os principais reguladores de acesso ao emprego.

Nessa perspectiva, é relevante ponderar que as considerações realizadas em respeito às trajetórias social e laboral são parte da análise que pretendemos realizar em respeito às linhas do tempo construídas a partir dos depoimentos de trabalhadoras e trabalhadores canavieiros. Por isso, devemos considerar que as trajetórias não são resultados lineares de uma série de posições ocupadas pelo mesmo agente social, as

trajetórias de vida e trabalho são, na realidade, marcadas por uma dialética que envolvem o estrutural e o individual, o objetivo e o subjetivo.

A trajetória social, laboral e territorial dos trabalhadores canavieiros: retrato da reestruturação produtiva do capital agroindustrial canavieiro

A produção canavieira no Brasil retrata bem o modelo de agricultura defendido e imposto pelo Estado e pelo capital em meados da década de 1960. Por isso, antes de refletir sobre as trajetórias sociais, laborais e territoriais dos trabalhadores canavieiros na Região do Pontal do Paranapanema, é preciso refletir sobre os processos que permeiam a reestruturação produtiva nos domínios do agrohidronegócio canavieiro e nesse contexto, analisar e discernir entre o discurso e a realidade que fundamenta esse amplo processo de mudanças.

Apesar de o segmento ter passado por inúmeros processos de reestruturação ao longo de seu desenvolvimento e ser historicamente financiado pelo Estado, as mudanças proporcionadas pela inserção da tecnologia nos canaviais paulistas passaram a ser mais expressivas a partir da introdução dos ideais que acompanharam a “tecnificação da agricultura no Brasil”. O subsídio estatal por meio de linhas de créditos especiais, e as inúmeras vantagens que seguiram tais linhas, demarcam esse processo de transformação hoje visto nos domínios da produção canavieira. As vantagens creditícias proporcionaram o avanço tecnológico, uso indiscriminado de agroquímicos (fertilizantes e agrotóxicos), inserção de máquinas e uma série de implementos na produção agrícola, além de sua expansão para grande parte do território nacional.

Assim, enquanto os representantes do agrohidronegócio canavieiro dizem que o setor está em crise, na realidade a monocultura da cana-de-açúcar continua a avançar por grande parte do território nacional, sobretudo para a região Centro-Sul do país (estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná e Minas Gerais), conforme apresenta BARRETO (2018). Segundo a autora, as informações referentes ao avanço da monocultura da cana-de-açúcar sobre o território brasileiro contradizem o discurso dos representantes do agrohidronegócio canavieiro, de que o setor vivencia mais um cenário de crise e que não há apoio estatal. Afinal, somente no ano de 2014, o Estado, via

BNDES, disponibilizou mais de R\$1,5 bilhão para o plantio e reforma de canaviais no país⁶. Desse total, R\$1,3 bilhões foram direcionados para o estado de São Paulo, o que demonstra a soberania dos capitalistas paulistas frente aos incentivos e acesso aos financiamentos estatais (BARRETO, 2018).

Também é no estado de São Paulo que a mecanização agrícola, sobretudo na colheita da cana-de-açúcar, avança de forma acelerada sob as “justificativas” de que a queima da palha da cana-de-açúcar tem prazo para acabar, e que a mão de obra para a colheita manual está cada vez mais escassa.

Nesse aspecto, Barreto (2018) pondera que, embora a mecanização agrícola na produção canavieira (colheita e plantio) tenha como base o processo de reestruturação produtiva do capital, o processo em si comparece cercado por uma série de justificativas, que permeiam entre a realidade e o discurso dos representantes do capital. Em razão disso, não se pode analisar o processo apenas como uma mudança técnica, restrita à substituição do homem pela máquina. De acordo com a autora, trata-se de um procedimento amplo, cujas transformações abrangem toda a estrutura produtiva e organizacional da reprodução do setor canavieiro, especialmente o ambiente laboral vivenciados pelos trabalhadores e trabalhadoras envolvidos no processo produtivo (BARRETO, 2018).

Na realidade, a passagem da colheita manual para a colheita mecanizada nos canaviais paulistas tem proporcionado alterações profundas na produção da cana-de-açúcar, as quais não acontecem de maneira isolada, mas cercada por uma série de mudanças que transforma a dinâmica territorial do trabalho. Ao mesmo tempo em que desempregou milhares de trabalhadores, alterando sua trajetória social, laboral e territorial, também desmobilizou organizações sindicais e transformou o processo de produção e trabalho, em um cenário marcado pela tecnificação do processo produtivo.

Em meio a esse processo de mudança e ampliação dos níveis de desemprego, são inúmeras as idas e vindas que marcam a trajetória de vida dos trabalhadores e trabalhadoras que vendem sua força de trabalho nos domínios do agrohidronegócio

⁶ As informações apresentadas foram retiradas do banco de dados do BNDES. Mais detalhes acessar: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/BNDES_Transparente/Estatisticas_Operacionais>. Acessado em 18 de abril de 2015.

canavieiro. E ao mesmo tempo em que a necessidade do emprego e o medo do desemprego induzem os trabalhadores assalariados a aceitar os desmandos do capital (ALVES, 2007), a realidade do desemprego em massa em uma determinada região, tende a ser a primeira justificativa para o deslocamento de trabalhadores e trabalhadoras para outras localidades (EUGENIA DE LA O, 2001).

O cenário apresentado pelos autores é determinante para apreendermos a realidade observada nas regiões canavieiras do Brasil, onde as trajetórias (social, laboral e territorial) dos trabalhadores e trabalhadoras são de certo modo determinadas e/ou marcadas pela trajetória econômica do segmento em questão, já que os motores regulamentadores do capital são, na maioria das vezes, as principais forças que obrigam os trabalhadores a deslocarem-se de uma região para outra, isto é, a deixar suas origens em busca de novas possibilidades de emprego em outro município, estado ou país (CARDOSO, 2018).

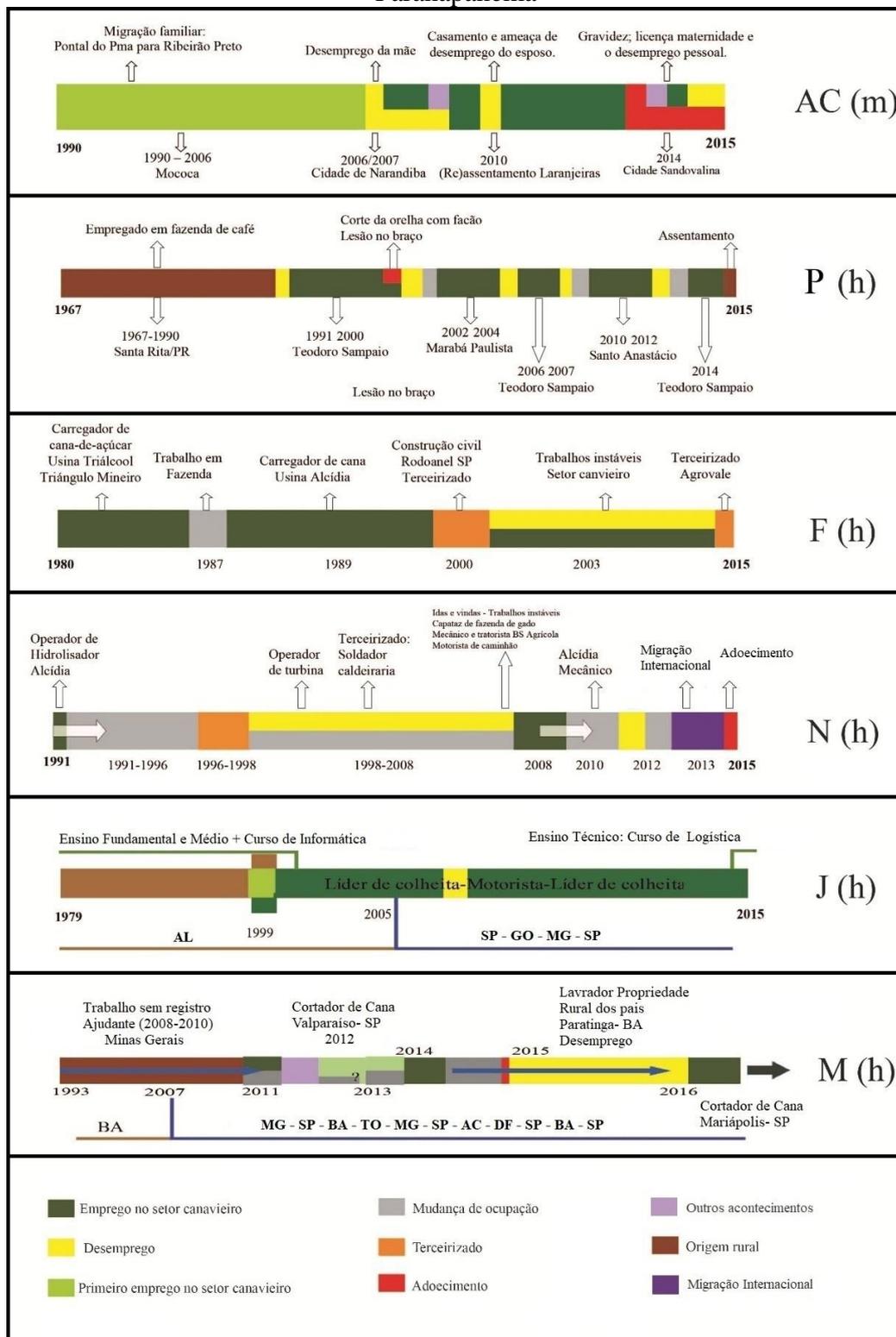
Assim, em uma conjuntura marcada pelos avanços das políticas neoliberais e do desemprego estrutural, deixar às origens e os familiares em busca da garantia do emprego em outra localidade (município, estado ou país) tornou-se uma prática comum entre os trabalhadores que vendem sua força de trabalho nos domínios do agrohidronegócio canavieiro. São inúmeros os trabalhadores e trabalhadoras, cujas trajetórias compõem marcas pela relação constante entre emprego-desemprego. Isto é, são inúmeros os trabalhadores e trabalhadoras cujas trajetórias (social, laboral e territorial) se entrelaçam frente à necessidade do emprego e o espectro do desemprego.

Para além das particularidades, os relatos dos trabalhadores entrevistados evidenciam como o desemprego e o medo do desemprego (seja resultado das crises, da reestruturação do processo produtivo ou dos processos de reorganização do capital no território) compõem entre os principais estímulos, para as mudanças nas trajetórias (social, laboral e territorial) dos trabalhadores canavieiros. E, da mesma forma que os momentos de crise expulsam os trabalhadores regionais para outros municípios ou outros estados em um determinado período; a fase de expansão da monocultura da região, somada a renovação e construção de novas unidades processadoras, compõem como justificativa para seu retorno, juntamente com outros trabalhadores migrantes. Ou seja, o discurso do emprego e do desenvolvimento regional-local que historicamente

acompanha o agrohidronegócio canavieiro comparece nesse cenário, como mais um atrativo para os trabalhadores retornarem a sua região de origem, ao mesmo tempo em que atrai novos trabalhadores, principalmente, os que se encontram desempregados.

Nesse aspecto, as trajetórias (social, laboral e territorial) dos trabalhadores canavieiros da região do Pontal do Paranapanema são exemplos dessa realidade. Apesar dos acontecimentos apresentados não ocorrerem de forma cronológica, como pondera Bourdieu (1996), as linhas de tempo (Figura 1) construídas a partir dos relatos dos trabalhadores evidenciam como a história individual e coletiva dos trabalhadores, estão relacionadas com a própria história do segmento em análise. Além disso, as trajetórias (representadas a partir das linhas de tempo) nos permitem elucidar as origens (individuais), os caminhos percorridos, as múltiplas mudanças de emprego, as situações de desemprego, a exposição aos riscos e o adoecimento dos trabalhadores em decorrência da atividade laboral, que de modo geral, tende a afastá-los do mercado formal de trabalho. E somente quando atentamos para as múltiplas mudanças de emprego que evidenciamos como o espectro do desemprego se faz presente na vida desses trabalhadores, que de modo geral, dedicaram parte de suas vidas ao trabalho nos canaviais da região em estudo. Desemprego este desencadeado, tanto pelas crises e pelo fechamento de unidades produtivas, quanto pelos processos de reestruturação na esfera produtiva do agrohidronegócio canavieiro.

Figura 1 - As trajetórias dos trabalhadores canavieiros na Região do Pontal do Paranapanema



Fonte: Banco de dados DataCetas

Organização: Os autores

Desse modo, observamos que dentre as seis entrevistas analisadas, todos os trabalhadores apresentaram o desemprego como principal justificativa para as mudanças em suas trajetórias de vidas e trabalho. Isto é, a situação de desemprego, somadas as necessidades de um novo emprego, foi o fator que mais influenciou na decisão em deixar à cidade de origem e a família para tentar a sorte em outro município, outro estado ou outro país.

Para elucidar esta realidade, podemos citar como exemplo três trajetórias (social, laboral e territorial): do mecânico de máquinas agrícolas (N.S), 53 anos, trabalhador da Biocom⁷; do operador de máquinas pesadas (F.B.S), 60 anos, trabalhador terceirizado da Agrovale⁸; e da família da cortadora de cana (A.C.S), de 23 anos, trabalhadora da Usina Cocal. Os três, diante da situação de desemprego na família, na década de 1990, migraram para outras regiões (do estado e do país) em busca de novas possibilidades de emprego.

Nesse caso, a extinção dos recursos do Proálcool, e, por conseguinte, a desativação de unidades produtivas na região pode ser assinalada como a principal justificativa para os trabalhadores migrarem para outras regiões do estado e do país em busca de novas possibilidades de trabalho e emprego. Ou seja, foi à vivência do desemprego associada à necessidade da sobrevivência pessoal e o sustento familiar que forçou o mecânico de máquinas agrícolas (N. S) a deixar a família no município de Teodoro Sampaio em 1996, e migrar sozinho para o estado de Mato Grosso do Sul, para trabalhar em empresa terceirizada, prestando serviço a unidades canavieiras. Do mesmo modo que, a situação de desemprego influenciou no seu retorno a Teodoro Sampaio depois de dois anos (1998), para juntamente com a família, regressar a sua região de origem (Penápolis), onde trabalhou por dez anos (1998 - 2008) no manejo de gado bovino.

Também foi a necessidade de prover o sustento da família que forçou o operador de máquinas pesadas (F. B.S) a migrar, juntamente com a esposa e os filhos, para o Triângulo Mineiro e trabalhar por sete anos nos canaviais da Trialcool, na função de

⁷ Unidade agroprocessadora de cana-de-açúcar vinculada ao grupo Odebrecht Agroindustrial, situada em Cacusó, município da província de Malanje, na República de Angola, no continente africano.

⁸ Prestadora de serviço no preparo de solo para unidade agroprocessadoras de cana-de-açúcar na região do Pontal do Paranapanema Ampliado.

operador de carregadeira. Do mesmo modo que, a necessidade do emprego, somado ao desejo de estar junto dos demais familiares o fez retornar para a região (Município de Teodoro Sampaio), onde laborou na usina Alcídia até a extinção do Proálcool. Foi à ampliação dos níveis de desemprego na região, somadas a necessidade de viabilizar sua sobrevivência e reprodução social da família, que mais uma vez influenciou o trabalhador a deixar as origens e a família e migrar, sozinho, para a capital paulista, onde trabalhou como terceirizado na construção do rodoanel⁹. Os relatos deste trabalhador nos sinalizam sua atuação em uma série de trabalhos instáveis para que fosse possível viabilizar sua reprodução social e familiar. Acrescentando que, somente em 2014, conseguiu contrato por tempo indeterminado em empresa prestadora de serviços para agroindústrias canavieiras da região do Pontal do Paranapanema e norte do Paraná, na condição de trabalhador terceirizado.

Por fim, também foi a conjuntura de desemprego que impulsionou a família da cortadora de cana (A. C. S.) a deixar a região do Pontal do Paranapanema e buscar emprego em unidades canavieiras situadas na região de Ribeirão Preto. Ou seja, foi o fechamento da unidade produtiva (Destilaria Laranja Doce), situada no município de Narandiba, em um contexto de desemprego em massa que forçou a família, que sempre trabalhou no setor canavieiro, buscar sua reprodução social em outra localidade.

Mas não é somente isso. Ao observar e refletir sobre as trajetórias (social, laboral e territorial) dos trabalhadores entrevistados é possível perceber que estas, comparecem de certo modo, moldadas pela trajetória do agrohidronegócio canavieiro no Brasil e na região em estudo. Nos períodos de crise e fechamento de unidades produtivas amplia-se o processo de “expulsão” de trabalhadores da região; e nos períodos e/ou fases de expansão (ampliação de canaviais, reformas e construção de novas unidades produtivas) amplia-se o regresso dos trabalhadores regionais, que no período de crise deixaram a região após um longo período de ausência, ao mesmo tempo em que atraí novos trabalhadores migrantes.

Ou seja, não foi por acaso que os trabalhadores entrevistados retornaram para a região do Pontal do Paranapanema no final dos anos 2000, e voltaram a vender suas

⁹ Nesse período o trabalhador (F. B. S.) atuava como contratado da empresa Garcia 2 Irmãos, de Presidente Venceslau, que por sua vez, prestava serviço à empreiteira Queiroz Galvão.

forças de trabalho nos domínios da reprodução do agrohídronegócio canavieiro, alterando mais uma vez suas trajetórias de vida e trabalho. Do mesmo modo que não foi por acaso, que o operador de máquinas pesadas (F. B. S), que havia deixado a região nos final dos anos 1990, retornou para Teodoro Sampaio em 2003 para trabalhar de forma temporária na Usina Alcídia. Assim como não foi coincidência que, na safra de 2006/2007, a família da A. C. S retornou para o município de Narandiba. Nesse caso, a situação de desemprego vivenciada na região de Ribeirão Preto, em virtude da ampliação da mecanização na colheita da cana-de-açúcar, somada ao discurso do emprego e desenvolvimento local-regional que acompanhou a retomada das atividades nas agroindústrias do Pontal do Paranapanema, podem ser assinalados como principal estímulo para o regresso da família para o labor nos canaviais do recorte em estudo.

Esse período ainda marcou o ingresso da jovem trabalhadora (A.C. S) no setor canavieiro aos 18 anos de idade, primeiramente como diarista na capina da cana-de-açúcar, e mais tarde, como cortadora de cana nos canaviais da Usina Cocal/Narandiba. Esse fato, evidentemente demarca sua trajetória, como a segunda geração de uma família que vende a força de trabalho nos domínios do agrohídronegócio canavieiro.

Por fim, também estimulados pelo discurso do emprego, do desenvolvimento local-regional que permeia a expansão do setor canavieiro, o trabalhador (N. S) deixa para trás o trabalho no manejo de gado bovino, na região de Penápolis/SP, para regressar, juntamente com a família, para o município de Teodoro Sampaio e para o labor na Usina Alcídia, dessa vez na condição de mecânico industrial.

Nesse cenário, podemos destacar que o processo de expansão do agrohídronegócio canavieiro na região (a ampliação dos canaviais, reforma e construção de novas unidades processadoras) não atraiu somente trabalhadores regionais egressos, que frente à condição de desemprego migraram para outras localidades em busca de trabalho. Atraiu também outros trabalhadores, cujas trajetórias compõem marcas por idas e vindas, tanto nos domínios do setor agroindustrial canavieiro como no âmbito do trabalho rural em geral, dentre esses podemos destacar as trajetórias do cortador de cana (M. B. E) de 24 anos, de Paratinga (BA), do líder de colheita mecanizada (J. A. M) de 37 anos, natural de Teotônio Vilela (AL) e do ex-cortador de cana (P. T. S) de 52 anos, natural do distrito de São Pedro do Ivaí (PR), todos cujas trajetórias se somam a

história de outros trabalhadores desterrados pelos processos que permeiam a reestruturação e o reordenamento do segmento pelo território nacional (THOMAZ, JUNIOR, 2019).

Esse novo período de expansão do agrohidronegócio canavieiro na região do Pontal do Paranapanema é marcado, primeiro pela reestruturação produtiva, haja vista, o crescente processo de mecanização nas etapas de colheita e plantio da cana-de-açúcar, e segundo, pelos processos de reordenamento do capital canavieiro a partir do ano de 2010, quando cinco unidades processadoras, todas construídas no período do Proálcool, foram consecutivamente desativadas. O resultado imediato desse processo foi à disputa e a incorporação dos canaviais por parte das grandes empresas processadoras, evidenciando a concentração territorial da matéria-prima na região e o desemprego em massa, com centenas de trabalhadores dispensados e abandonados a própria sorte (BARRETO, THOMAZ JUNIOR, 2015).

Assim, a dinâmica territorial do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema, evidenciada pelo reordenamento de capitais, mostra mais uma face perversa do metabolismo social do capital, cujas implicações rebatem diretamente nos trabalhadores, através da experiência amarga do desemprego, e por consequentemente, pela necessidade de buscar um novo emprego.

Nesse aspecto, a trajetória social, laboral e territorial do cortador de cana-de-açúcar (M. B. E.) e do líder de colheita mecanizada (J. A. M) expressam bem essa realidade, primeiro porque suas trajetórias não obedecem a uma escala linear de tempo, são desenhadas e redesenhadas por eventos de maior ou menor importância em suas constantes idas e vindas pelo território nacional, a começar pelo momento crucial da ruptura, que é deixar a família e as origens em busca de emprego e/ou melhores condições de vida, e segundo, porque as alterações e mudanças em suas trajetórias (sociais, laborais e territoriais) são na realidade, reflexos da lógica estrutural do capital.

Ou seja, as mudanças nas trajetórias (sociais, laborais e territoriais) dos trabalhadores em destaque, são na realidade, resultados da rotatividade de emprego e da degradação das condições laborais instituídas nos domínios do agrohidronegócio canavieiro.

Ademais, observa-se que, apesar dos trabalhadores demarcarem em suas trajetórias a passagem em vários estados da federação, chama atenção, sobretudo os municípios paulistas, onde ambos venderam sua força de trabalho nos canaviais na condição de safrista. Nesse sentido, o líder de colheita mecanizada (J. A. M) explica que ao migrar em busca de emprego nos canaviais paulistas, também passou pelos estados de Minas Gerais e Goiás, onde laborou como safrista na função de líder de colheita e motorista de caminhão.

No que se refere aos percalços de sua trajetória, o referido trabalhador racionaliza como “pulos” os momentos de desemprego e as constantes mudanças de municípios e/ou estados que marcam sua trajetória laboral. Sempre pautado por temporalidades medidas em dias ou meses, o trabalhador expressa sua convivência com a rotatividade de empregos e locais de residência, que por sua vez compõem demarcadas pelos processos de desativações de unidades processadoras em várias regiões do país, no período de 2006 a 2010, evidenciando que no processo de reordenamento de capitais, os rebatimentos sempre recaem sobre os trabalhadores que vende sua força de trabalho nos processos de produção e reprodução do capital.

Outro fator relevante a se levar em consideração nas trajetórias dos trabalhadores e trabalhadoras em destaque é a questão do adoecimento em razão do trabalho que comparece em quatro linhas do tempo, entre as seis apresentadas, seja o adoecimento resultado do trabalho no corte manual de cana-de-açúcar, seja nas funções relacionadas à mecanização. Nesse aspecto, foi observado que, muitas vezes, o adoecimento e/ou acidente de trabalho vem seguido por momentos de desemprego, fato que evidencia tanto o descarte dos trabalhadores e trabalhadoras, como a ideia de plasticidade do trabalho (THOMAZ JÚNIOR, 2013) tendo em vista que esses trabalhadores e trabalhadoras precisam buscar outras ocupações para garantir sua reprodução social e familiar.

Assim sendo, a trajetória do ex-cortador de cana (P. T. S) é um exemplo desse processo, já que após uma lesão no braço e um acidente com facão no corte manual da cana-de-açúcar, passou a enfrentar um constante processo de rotatividade, intercalados por momentos de desemprego no exercício da função nos domínios do

agrohídronegócio canavieiro, os quais o direcionaram para o mercado informal de trabalho, haja vista a necessidade de garantir a sobrevivência pessoal e familiar.

No que se refere à trajetória do ex-cortador de cana (P. T. S) é relevante acrescentar que, embora sua trajetória laboral, social e territorial seja igualmente marcada pelo processo migratório interestadual, o momento de ruptura que marca o distanciamento do local de origem, se distingue da trajetória dos demais trabalhadores canavieiros entrevistados, pois, os fatores que o atraíram para a região do Pontal do Paranapanema, extremo oeste do estado de São Paulo não foi propriamente o trabalho como assalariado nos canaviais da região, mas os movimentos sociais de luta pela terra.

Ou seja, foi à situação de desemprego associada ao fato dos pais terem conquistado um lote no assentamento da Água Sumida, localizado no município de Teodoro Sampaio-SP, que o motivou deixar a região Norte do Paraná e juntar-se aos pais no assentamento. Foi a mudança para a região do Pontal do Paranapanema que marcou seu ingresso no setor canavieiro, cuja trajetória comparece demarcada por momentos intercalados de desemprego, trabalho informal, e retorno ao corte de cana, cada vez em uma unidade agroindustrial canavieira diferente. Além disso, a trajetória do ex-cortador de cana-de-açúcar é balizada pelos acidentes e adoecimento, isto é, problemas decorrentes do exercício laboral que os levou novamente a condição de desempregado¹⁰.

Apesar de manter suas particularidades, a história e a trajetória do ex-cortador de cana-de-açúcar (P. T. S) se cruza com a história e a trajetória (social, laboral e territorial) de tantos outros trabalhadores que, em um dado momento de suas vidas precisaram migrar, isto é, mudar de cidade, de estado ou de país, para garantir a sua reprodução social e familiar. Ou seja, sua história e sua trajetória se juntam a de tanto outros ex-cortadores de cana-de-açúcar, mecânicos, líderes de colheita mecanizada, operadores de máquinas etc., que diante do desemprego, da necessidade do emprego e melhores condições de vida deixaram suas origens e migraram em busca de trabalho em

¹⁰ Essa questão evidencia que dentre outros impactos, a expansão da monocultura da cana-de-açúcar tem trazido uma série de problemas para os assentamentos rurais, haja vista o crescente processo de exploração e descarte dos trabalhadores assentados que, diante da necessidade, buscam empregar-se nos canaviais na região. Para mais detalhes ver (MACHADO, 2019).

outras localidades. Do mesmo modo que, diante do processo crescente de reorganização do capital, fechamento de unidades produtivas, e a ocorrência de desemprego em massa na região, voltaram a migrar, alterando mais uma vez suas trajetórias.

De modo geral, os relatos são elucidativos e nos permitem apreender que o desemprego não é um momento passageiro na vida dos trabalhadores, este deixa marcas, já que os períodos de extrema dificuldade não atingem somente a vida do sujeito que trabalha, mas de toda sua família. O sofrimento do desempregado não é um ato individual, pois se espalha pelo tecido familiar. Apesar das estatísticas computarem em número absoluto de trabalhadores desempregados, é importante multiplicar esses números pelos familiares, para a partir de então, mensurar os impactos desse processo.

Considerações

Embora o agrohidronegócio canavieiro se coloque via discurso midiático como a “solução pop” dos problemas de emprego e renda do Pontal do Paranapanema, baluarte da moderna técnica de produção no campo, ou seja, modelo de desenvolvimento econômico para a economia brasileira, a minuciosa análise das trajetórias (laboral, social e territorial) dos sujeitos que trabalham neste setor, cabalmente desconstrói essa imagem discursiva e nos traz à tona a realidade da degradação sistêmica do trabalho.

O agrohidronegócio canavieiro como fração do metabolismo do capital não se interessa pela vida, e muito menos pela trajetória de existência dos trabalhadores que são os verdadeiros responsáveis pelos seguidos aumentos de lucratividade empresarial que, conseqüentemente são alcançados pelo sobretrabalho e intensificação do ritmo laboral sob os ombros da classe trabalhadora.

Assim, as trajetórias dos sujeitos do trabalho são forjadas no interstício de um duplo movimento, de um lado guiado pelos eventos de expansão/retração econômicas característica da disputa intercapitalista e da incessante reestruturação produtiva, e de outro pelo microcosmo das estratégias de (re)existência dos trabalhadores. Nesse embate, têm predominado aos trabalhadores e trabalhadoras do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema o retrair de suas trajetórias, motivadas pela inerente instabilidade e temporalidade do errante trabalho no setor canavieiro.

Aos desavisados, os inúmeros deslocamentos territoriais e mudanças de lavra ao longo da vida devem-se a decisão individual do trabalhador, ou seja, é como se responsabilizássemos os trabalhadores e trabalhadoras pelas agruras e insucessos recorrentes que lhe recaem. Por mais que a trajetória (laboral, social e territorial) de um sujeito seja experienciada no singular, suas condicionantes estruturais advêm da dinâmica da sociedade de classes.

De tal modo, que trabalhar nas sendas do território do agrohídronegócio canavieiro é vivenciar a amargura da insegurança do emprego em sua múltipla instabilidade. Ao contrário de seu discurso hipócrita de geração de emprego e renda, o “agro” tem se consubstanciado repetidas vezes por ter o espectro do desemprego. Podemos destacar a intensa plasticidade do trabalho e os recorrentes períodos de desemprego, a que estes trabalhadores analisados estiveram submetidos ao longo de suas trajetórias de vida, como sendo reveladoras da precariedade e (des)realização efetivada pelo conjunto das relações trabalhistas sob o sistema metabólico do capital.

Ademais, apreende-se que “ser” ou “estar” desempregado é “viver” apartado do elo filosófico da existência¹¹. A lógica do capital, ao negar as necessárias condições de estabelecimento do intercâmbio ontológico do ser social com a natureza, degenera o trabalho concreto. E o pior, na perspectiva da relação salarial, tem negado inclusive o emprego a levas cada vez mais abrangentes de trabalhadores neste início do século XXI.

Nessa perspectiva, Marx (1985) já afirmava que sob a lógica do capital, o trabalhador existe para as necessidades de expansão dos valores existentes, ao invés de a riqueza material existir para as necessidades de desenvolvimento do trabalhador.

Por fim, podemos concluir com a alegoria de que: *ser trabalhador do “agro” canavieiro é ter sua trajetória (laboral, social e territorial), sua vida, sob o fio do facão, tendo que mudar, reconstruir seus caminhos a cada “golpe” incessante desferido pelo metabolismo do capital!*

¹¹ Ser e estar desempregado, nega as condições materiais, mas também imateriais (filosóficas) do drama de sobreviver em uma sociedade de classes estruturada pela desigualdade substantiva da relação capital x trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª edição. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2007.
- _____. Juventude e nova precariedade salarial no Brasil: elementos da condição proletária no século XXI. In: ALVES, G.; ESTANQUE, E. Trabalho, juventude e precariedade. Bauru: Canal 6, 2012. p. 11-32.
- AZEVEDO, J. R. N. **Configuração do capital canavieiro no Pontal do Paranapanema e Alta Paulista: As tramas territoriais do agronegócio em questão**. 2005. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente (SP).
- A. Febre do Etanol, mudanças no mapa da cana e exploração do trabalho. Revista da ANPEGE, v. 2, p. 2, 2007.
- BARRETO, M. J. **Dinâmica Geográfica da Expansão da Agroindústria Canvieira no Pontal do Paranapanema e os Desdobramentos para o Trabalho**: Os casos da Usina Alvorada do Oeste e da Destilaria Decasa. 2008. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente (SP).
- _____. **Territorialização das Agroindústrias Canvieiras no Pontal do Paranapanema e os Desdobramentos para o Trabalho**. 2012. 245 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente (SP).
- _____. **Novas e velhas formas de degradação do trabalho no agrohidronegócio canvieiro nas Regiões Administrativas de Presidente Prudente e Ribeirão Preto (SP)**. Presidente Prudente: Tese Doutorado. Doutorado em Geografia. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2018.
- BARRETO, M. J.; THOMAZ JÚNIOR, A. As incertezas do trabalho nos canaviais da região do Pontal do Paranapanema-SP. **Revista Pegada Eletrônica (Online)**, v. 16, p. 16-28, 2015.
- BELLENTANI, N. F. **A territorialização dos monopólios no setor sucroenergético**. 2014. 175f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BORN, C. Gênero, trajetórias de vida e biografia: desafios metodológicos resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, v.3, n.5, p.240-265, 2001.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: **Razões práticas**. 1.ed. Campinas: Papius, 1996, p.74-82.

BUENO, J. D.; SILVA, M. A. M. Espaços e tempos cruzados-trajetórias de trabalhadoras no interior paulista. **Raízes**, vol.33, n.2, jul-dez., 2012.

CARDOSO, M. A. **A farsa da liberdade espacial na mobilidade territorial do trabalho para o agrohidronegócio canavieiro no EDR de Araçatuba (SP): a degradação programada do trabalho migrante**. 2018. 217 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2018.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143 – 159, 1998.

DUBAR, C. Trajetórias sociais e formas indentitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação e sociedade**, vol.19, n.62, abr. de 1998.

EUGENIA DE LA O. M. Trayectorias laborales en obreros de la industria maquiladora en la frontera norte de México: um recuento para los años noventa. **Revista Mexicana de Sociología**, vol.63, n.2, p.27-62 abril-junho, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 1.ed. São Paulo: Vértice,1990, 189p.

HALL, M. M. **História oral**. In: São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico. O direito à memória. Patrimônio Histórico e Cidadania, São Paulo, DPH, 1992.

HERRERA, G.; MARTÍNEZ, L. P. Tiempos de crisis, tiempos de retorno? Trayectorias migratorias, laborales y sociales de migrantes retornados de Ecuador. **Estudios políticos**, Medellín, n.47, jul-dez, 2015, p.221-241.

MACHADO, A. S. **A reestruturação produtiva canavieira e as implicações para a saúde dos assentados no Pontal do Paranapanema (SP)**. 2019. Relatório de Qualificação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2019.

MELO, B. M. **Migração, memória e território: o trabalhador rural nordestino na Ibaté Paulista**. 2008. 221f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MILLS, C.W. **A imaginação sociológica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972,246p.

MINAYO, M. C. S; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. (orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagens de programas sociais**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005,244p.

NAKAGAWARA, Y. Café, do colonato ao boia-fria. **Semina: Ci.Soc./Hum.** Londrina, n.3, v.15, p.270-279, 1994.

OLIVEIRA, A. M. S. de. **Reordenamento territorial e produtivo do agronegócio canavieiro no Brasil e os desdobramentos para o trabalho**. 2009. 566 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente SP.

POCHMANN, M. Ajuste econômico e desemprego recente no Brasil metropolitano. *Estudos Avançados (Online)*, v. 29, p. 7-19, 2015.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.03-15, 1989.

RAMOS, P. **Agroindústria Canavieira e Propriedade Fundiária no Brasil**. 1. Ed. São Paulo/SP: Hucitec, 1999. v. 1. 243p.

ROBERTI, M. E. **El enfoque biografico em el analisis social: una aproximación a los aspectos teorico-metodológicos de los estudios con trayectorias laborales**. Tesis doctoral. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. 2011, 91f.

SANTOS, J. B. F. dos; OSTERNE, M. do S. F.; ALMEIDA; R. O. A entrevista como técnica de pesquisa do mundo do trabalho. In: ALVES, G. A. P.; SANTOS, J. B. F. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa sobre o mundo do trabalho**. 1 Ed. Bauru: Editora Praxis, 2014. v. 1. 203p.

SILVA, M. A. M. Das mãos a memória. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. 1.ed. Bauru: EDUSC, 2005, 328p.

SILVA, M. A. M.. Expropiación de la tierra, violencia y migración. Campesinos del nordeste de Brasil en los cañaverales de São Paulo. In: FLORES, SARAMARIA LARA. (Org.). **Migraciones de trabajo y movilidad territorial**. 1ed. México: Miguel Ángel Porrúa/CONAYT, 2010, v. 1, p. 307-332.

_____. Migrantes maranhenses nas terras paulistas. In: Sidney Antônio da Silva. (Org.). **Migrantes em contextos urbanos. Uma abordagem interdisciplinar**. 1ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010, v. 1, p. 35-76.

_____. Vidas transitórias. Entre os cocais maranhenses e os canaviais paulistas. **Revista da ANPEGE**, vol.7, n.1, p. 161-178, outubro, 2011.

SOARES, A. R. **Um século de economia açucareira: evolução da moderna agroindústria do açúcar em São Paulo**. São Paulo: Cliper, 2000.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998, 385p.
VARGAS-EVARISTO, S. Generación, trabajo y juvent. Relatos de vida de jóvenes mixtecos y zapotecos en el circuito de migración rural hacia la frontera norte. **Revista**

**As trajetórias dos trabalhadores canavieiros na região
do Pontal do Paranapanema e o espectro do desemprego**

**Maria Joseli Barreto
Robinzon Piñeros Lizarazo
Messias Alessandro Cardoso
Fredri Santos Bento
Angela dos Santos Machado
Gabriel Vitor Nascimento Ferreira**

Liminar Estudios Sociales y Humanistas, San Cristóbal de las Casas vol.10, n.2,
julio-diciembre, 2012.

VETORASSI, A. **Laços de trabalho e redes dos migrantes: um estudo sobre as dimensões objetivas e subjetivas presentes em redes sociais e identidades de grupos migrantes de Serrana-SP e Guariba-SP**. 2010. 211f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VIAN, C. E. F. **Agroindústria Canavieira: estratégias competitivas e modernização**. Campinas: Ed. Átomo, 2003. 216p.

Recebido em 29/08/2019. Aceito para publicação em 06/05/2020.
--